Em 1919, conversando eu com um admirador do C.° Ruy Barbosa, suggeriu-me elle escrever algumas paginas, defendendo o genial brasileiro de algumas accusações tão injustas, quão generalizadas. Era o artigo destinado a um diario. Nem sempre porém pode o autor dar á producção o tamanho que deseja.

Sahiu o trabalho grande demais para um jornal. Não se me deparou revista a que interessasse o assumpto. Eis por que motivo só hoje estampo o meu artigo na Revista da Faculdade. Entendi não dever mudar nem mesmo uma virgula no original: está o meu trabalho como o concebi naquelle tempo. Estas observações pareceram-me necessarias para boa intelligencia do que se acha em certos pontos do artigo.

O C. RUY BARBOSA

Ao tempo em que o sr. C.° Ruy Barbosa era candidato á presidencia da Republica, com frequencia ouvi eu ter elle dois defeitos capitaes: muito illustrado, e portanto improprio para administrar, e espirito unicamente critico e destruidor, e consequentemente incapaz de crear. Ha phrases feitas, que os corypheos ministram aos sequazes, afim de que fiquem estes dispensados de discutir: o governo é optimo, e o mau é o povo — o povo tem o governo que merece — demais temos liberdade, necessario é que haja autoridade de pulso de ferro — o jury é a causa de todos os nossos males — mau cidadão é quem fala que o governo erradamente interpreta a arca santa da Constituição brasileira Assim alcançam os que governam a obediencia sem exame, *alma mater* do jesuitismo despotico: obedecer *perinde ac cadaver*. Ora, neste momento, eu me proponho discutir as duas asserções contra o grande patriota, mostrando que não passam de uma desa-

tilada dos que se apandilharam para dominar em nossa patria, destempero tanto mais facil de pôr em circulação quanto cresce a inveja contra quem, pelo talento, puja, sem contraste, na Politica. Sem perlongas, nem ambages, passo ao estudo do 1. ponto. Não pretendo entrar no exame particularizado da questão agitada, ha tantos annos, e ultimamente da predilecção de Augusto Comte, qual a da necessidade de entregar o governo aos versados — nesta sciencia que se vae formando, e que se denomina *a da Administração*, ou — em Sociologia, como dizia o grande philosopho, dando ao vocabulo o sentido que sabemos. Apresentarei factos, ao intento de mostrar que, si nas sociedades de organização simples, quaes as primitivas, era possivel a um apedeuta, a um engenho bronco dirigir a communhão, não o é modernamente, tornadas cada vez mais complexas as relações sociaes. A Iliada ministra-nos a idea do que era a organização militar quando os gregos sitiavam Troya. Hoje, conforme é comezinho, o assumpto occupa as summidades do saber, e o problema é attingir o maximo da segurança social, com o minimo do sacrificio individual; e, para isto conseguir, cumpre estudar o que se tem feito em outros povos, o que deu melhor prova na guerra, o que não diminuiu a riqueza publica, o que não abateu o caracter do povo e o que menos embaraçou o progresso social Achilles resolvia de modo simples a questão do armamento: quando não tinha armas, approximava-se do fosso, dava um grande grito, e Pallas o auxiliava rebramando. Parece que Homero já não acreditava na efficacia do recurso, porque affirma que, tornados do pavor, continuaram os troyanos o combate a que só as trevas da noite puzeram termo, tendo sido pouco efficaz o berreiro do heroe e de Pallas.

Hoje o caso é muito mais difficil de resolver, e fôrça até é ao administrador ouvir technicos. Durante a guerra de Cuba, esteve a maioria pelos grandes encouraçados

contra as torpedeiras, que, tempos antes, diziam os entendidos no assumpto serem a arma aos paizes fracos, e portanto o palladio contra as chamadas grandes potencias. Contrária foi a opinião, quando occorreu a guerra do Japão com a Russia. No começo da conflagração, houve séria disputa sobre a importancia dos aeroplanos. Tudo isto precisa estudo, exame, consulta a technicos, observação das condições da sociedade para a qual se legisla, ou que se administra. E ainda ao proposito do alarido estentoreo de Achilles, outro problema gravissimo é o do silencio nocturno, e mesmo o da diminuição, quando possivel, dos barulhos diurnos. O abbade de Luxeuil, refere Michelet, usava mandar fossem os camponios, para silenciar as rans, bater as aguas das lagoas vizinhas da pousada em que elle dormia a sesta. Hoje pergunta-se como era admissivel que a calaçaria do padre privasse a communhão social de tantas forças importantissimas para o desenvolvimento da riqueza publica, e surge, com toda a sua difficuldade, a questão do luxo, uma das mais complexas da Economia Politica. Na actualidade, abrindo-se qualquer collecção de arestos da Italia ou da França, gera assombro o numero de casos que os tribunaes resolvem sobre a materia procurando harmonizar a necessidade do silencio com a de fazer o ruido minimo nos trabalhos; e a perturbação do socego publico (*tapage nocturne — disturbo della quiete publica e privata*), que teve outrora tão facil solução, entra para o numero das difficuldades que só os espiritos cultos podem resolver. E é justamente por não se haverem convencido os homens desta verdade, por não haverem posto na direcção dos negocios publicos a cabeça, o escol, os intellectuaes, em vez do braço, da força inconsciente, que as sociedades espaçam continuamente a solução dos mais prementes problemas. Unicamente quando do escol sahir o chefe, poderemos dizer que se poz "the right man in the right place."

Nas relações internacionaes, só quanto á neutralidade, ha tantas obras que as indicadas pelo classico e vulgarissimo Bonfils, cujo manual geralmente é usado em nossas escolas de Direito pelos estudantes, bastariam, creio, para occupar, com a sua leitura, a vida de Mathusalem. Tivemos a concepção hodierna do Sr. C.° Ruy Barbosa, em sua conferencia em Buenos Aires, mostrando a evolução por que passou a materia, e quaes hoje suas linhas fundamentaes, estreitadas como se acham as relações dos diversos povos pelo desenvolvimento dos meios de transporte. Extreme de principios incompativeis com o desenvolvimento actual da humanidade, parece que a ensinança do mestre, seja dicto de passo, calou mais fundo no espirito do povo brasileiro do que no do argentino a que foi dirigida. Faz pouco tempo, em carta ao Presidente da Republica, patenteava o mestre a gravidade dos problemas internacionaes que interessam de perto a vida de nossa querida patria, e confessava que elle mesmo, o genial internacionalista, o Grocio brasileiro, não podia, de remanente, dal-as por estudadas, em condições de as debater no congresso de paz que hoje se realiza na Europa, e que era de homem indiscreto comprometter a dignidade da patria em tão grave conjunctura. No mesmo ponto, a confirmar os vaticinios do mestre, dava o telegrapho noticia de quão arvoados se achavam os povos belligerantes, a serem discutidos os traços fundamentaes da paz, e, ha poucos dias, segundo recente telegramma, lastimava Woodrow Wilson faltassem ao Congresso as luzes do Sr. C.° Ruy Barbosa.

Ora a carta do Sr. C.° Ruy Barbosa unicamente soabriu a janella que nos deixa lançar os olhos no campo das difficuldades internacionaes. Estas surgem, a todo momento, em barda, e as descambadelas da nossa ultima lei orçamentária geraram diversas. Sempre me pareceu que mais ab-

surdo é dizer que possa um mazorro dirigir um organismo social complexo, do que affirmar que esteja apto a montar e desmontar um machinismo de relogio, ou separar, como diz Huxley, em habil dissecção, os nervos de um insecto.

Mas, deixo ésta primeira these, e passo a occuparme com a segunda, ou mostrar quanto tem feito aquelle a quem o Brasil negou o logar que lhe competia, já pelo muito que trabalhou pela patria, já por ter a centelha de que a natureza ou a divindade é tão avara. Ahi está a biographia do nosso engenho traçada pela mão habil e firme de Mario Lima Barbosa, mas infelizmente os que dizem que a aguia brasileira destroe e não reedifica, não lêem, e apenas repetem o que lhe dizem os chefes que por elles pensam.

Ahi se acham as obras monumentaes do grande brasileiro, e bastavam ellas para muitas immortalidades. Uma só, as Cartas de Inglaterra, seria sufficiente, para o mestre conquistar um nome immorredouro. A Conferencia de Buenos Aires echoará atravez dos seculos, com tanta sonoridade quanta qualquer das mais bellas orações de Demosthenes ou de Cicero. Estingarei porém, e vou tractar da vida de sacrificios do liberal, sempre ao serviço de todas causas nobres, de todos os fracos, de todos os opprimidos, e a quem uma sorte bemdicta tem prolongado uma existencia fecundissima em proveito da patria e da humanidade. Desde os tempos academicos, foi a nota dominante de seus discursos a lucta pela abolição do negregado instituto da escravidão.

Delle pode dizer-se o que elle disse de Castro Alves: "Eis o que eleva Castro Alves á altura de um poeta nacional, e bastante eminente para representar uma grande manifestação da patria: é que a alma de sua poesia é a aspiração culminante do paiz. Nos seus cantos, geme pela liberdade o passado, pugna o presente, e triumpha o porvir" Pois bem! Si esses discursos do grande orador em prol da

liberdade dos escravos, verdadeiras perolas ensartadas no catalogo de suas obras, não constituem por si sós um titulo á benemerencia, eu não sei como são considerados dignos da gratidão eterna dos brasileiros Luiz Gama, José de Patrocinio, Rio Branco e outros que luctaram na campanha que terminou pela aurea lei de 13 de Maio de 1888. Tenha-se presente que foi o Sr. C.° Ruy Barbosa uma das letras maiusculas, segundo a feliz expressão de Rostand, com que se escreveu a epopea da libertação. Eis ahi a primeira obra grandiosa daquelle que a ingratidão, a ignorancia e a inveja accusam de nada haver feito e de muito haver destruido. Bastava este primeiro trabalho para lhe dar o nome de Abraham Lincoln, em paiz onde as más paixões não tivessem força. Passo ao outro serviço. Derroçada a monarchia, no que grande parte foi o Sr. C.° Ruy Barbosa, era necessario se *organizasse* o novo regimen. Ao seu biographo peço o testemunho de que D. Pedro 2.° sustentava que só o grande liberal seria capaz de tal empreza.

Lima Barbosa reproduz as palavras do monarcha: "Nas trevas que cahiram sobre o Brasil, a unica luz que alumia no fundo da nave é o talento de Ruy Barbosa" Com effeito, ingente foi seu esforço, e, nas menores coisas, do mesmo modo que nas de vulto, sempre interveio, e de maneira salutar para nossa patria. E' na conferencia de 24 de Maio de 1897, no Polytheama Bahiano, que elle traz alguns desses serviços memorados, para prova do quanto fez pela patria estremecida. Infelizmente, como elle bem sabia, os que o accusam não lhe lêem os discursos, e, por isto mesmo, escreveu desconfortado: "Já Santo Antonio, com ser thaumaturgo, se viu reduzido a evangelizar aos peixes, e, o que mais é, veio encontrar imitador em sujeito não menos insigne que é o padre Antonio Vieira. Sirvam tão egregios exemplos de escusa, sem idea de comparação, a est'outro pregador de verdades inuteis e conselhos desprezados." Si for inefficaz o que empre-

hendo eu hoje pela vulgarização do muito que fez o patriota pelo Brasil, resta-lhe o consolo que traduziu nessas palavras: "Felizmente a Historia possue laboratorios incogitados, a cuja remota profundura os raios da verdade tardam a chegar, mas chegam sempre."

E' da epocha da constituição do nosso regimen o seu plano de organização de nossas finanças, pedra de escandalo com que o atacam seus inimigos. Mas leram a defesa que elle produziu, demonstrando, a 13 de Janeiro de 1892, que foram seus successores que lhe estragaram a obra? Tomam-se das mãos de Rubens, de Raphael, de Rembrandt os pinceis, e entregam-se ao moço que moe as tintas: que quadro póde dahi sahir? Que responsabilidade póde ter o pintor pela obra do sarrafaçal? Os inimigos do grande financeiro não lhe leram os relatorios, os discursos, as explicações clarissimas, geniaes da organização que elle traçára, e querem accusal-o de incapacidade!

O Sr. C.° Ruy Barboza é, alem de exacto e completo nos esclarecimentos que presta sobre sua administração financeira, feliz no modo por que se exprime. O sal purissimo de seus discursos encanta, deleita. Cicero, de tão delicado pico, o mestre no emprego do sal attico, é grosseiro, e antipathico em suas philippicas. Demosthenes grandioso em suas orações, é violento, quasi barbaro, deixando nos discursos echoar a voz sonora do velho poeta da Iliada.

O Sr. C.° Ruy Barbosa, preciso em sua argumentação, é elegante, delicado e seu pico, de homem moderno, é comedido, sarcastico, ironico, culto e polido.

Não é porém ésta sua obra principal. Para mim, o mais notavel trabalho do grande brasileiro tem sido a lucta constante na defesa dos fracos, quaesquer que sejam as circumstancias em que estes se achem. Defende os accusados injustamente, como defendeu, antes de quem quer que fosse, o capitão Dreyfus; pede a Deodoro o perdão dos officiaes sediciosos, cuja execução se mostrava ao chefe

necessaria (discursos e Conferencias, pags. 436 e segs.); vinga, em uma eloquencia sem par, as affrontas atiradas aos patriotas exilados em Abril de 1892 (Paginas Literarias, pags. 95 e segs); bate-se pela amnistia em 1895; leva os governos brasileiros a diminuir a crueldade do estado de sitio, que hoje não é mais o que foi ao tempo de Deodoro e Floriano; lucta por todos os opprimidos, e, quando não lhes pode evitar o supplicio, revinga-os, vibrando o latego de sua palavra flammante, como succedeu em relação ás victimas do Satellite. Do grande estadista patrio pode-se, com inteira justiça, dizer o que elle sustentou do marechal Deodoro, nesta phrase memoravel, em que deixa as scintillações quentes do rubi, os fulgores irisados do diamante, tão frequentes em seu estylo terso para lhe dar o pallor triste, a melancolia da perola, phrase repassada da nota agridoce da saudade, e onde transparece o perdão dado do intimo d'alma ao amigo ingrato: "Nunca mais vi desdizer do typo excelso e bom, que ali se me representou, o fundador da republica, o unico digno de tal nome, a despeito dos fabricantes de lendas:

E se'l mondo sapesse 'l cuor ch'egli ebbe

Assai lo loda, e piu loderebbe"

Affirmou Cicero, ao defender Ligario, que nenhuma qualidade mais excellente tinha Julio Cesar, que sua bondade sem limites e, ouvida a oração, o conquistador das Gallias absolveu áquelle que confessára o crime, e que, pouco tempo depois, tomaria parte em seu assassinato. Si o Sr. C.° Ruy Barbosa, não foi assassinado na praça pública, cahindo a exclamar "ista quidem vis est", e deixando a tunica esburacada pelos punhaes dos conspiradores para ser sacudida por Antonio diante da plebe, tem tido comtudo apunhalada sua reputação por aquelles que maldosamente pretendem ver cumplicidade em seus actos

de defesa dos desprotegidos: "Defendi os prescriptos de 1892, e os amnistiados de 1895. Por esses dois attentados me infernei para sempre"

Outra obra colossal do grande brasileiro é a redacção do Codigo Civil. Dirijo-me agora só aos versados em Direito, só elles estão em condições de avaliar o serviço do "maestro di color chi sanno" O alumno que, no 1.º anno do curso juridico, tendo lido o capitulo de Cogliolo sobre fórmulas e fórmas juridicas, e os trabalhos de Ihering sobre a Technica, não comprehender o valor, a importancia da redacção de uma lei, seguramente não é do estofo com que se fazem os juristas. Si porém, nos annos subsequentes, tendo lido as fórmulas flexiveis e amplas das leis constitucionaes, e as restrictas de Direito Penal e de Direito Privado, não ficar inteiramente seguro do que ha de fundamental no modo de escrever uma lei, nunca poderá comprehender a sciencia em que excelleu o Sr. C.º Ruy Barbosa, e não lhe será dado reconhecer o serviço que o pontifice maximo prestou á patria com a redacção do nosso Codigo Civil. Mas tambem aos cegos não concedeu a sorte de admirar as telas e estatuas de Vinci e de Miguel Angelo, nem aos surdos de deleitar-se com a musica de Mozart e de Rossini. Ja tive lugar para dizer sobre o criterio com que foram formulados os preceitos da nossa mais importante lei civil, estudado o assumpto do ponto de vista juridico, e posto em penumbra o valor literario da obra, que por outros deveria ser celebrado. Neste momento, o que me interessa é lembrar que ahi temos mais uma obra, um serviço desse grande homem que a sordida inveja diz ser o *genio da destruição.*

Quero tornar bem claro o serviço prestado pelo Sr. C.º Ruy Barbosa, em Haya. Foi uma Conferencia de todos conhecida, mas conhecida como tendo sido infructifera por não haver dado a sonhada *paz perpétua.* Só os versados em Direito Internacional podem dizer quaes os notaveis bene-

ficios que resultaram daquella assembléa das nações. Que fez o Sr. C.° Ruy Barbosa? Não obstante a má vontade do allemão Marchall que *recusava abertamente ouvir oradores sulamericanos, com excepção do dr. Ruy Barbosa*, segundo Stead (Lima Barbosa, pag 200), nosso compatriota conseguiu, entre muitas outras coisas, ésta para mim importantissima: tornar conhecido nosso caro Brasil no mundo civilizado. Ora pergunto eu: qual o valor da epopea de Camões? Não o disse elle? Não foi fazer um pregão do ninho seu paterno? Não se considerava elle sufficientemente remunerado, si ficasse conhecido por tal serviço? Não julgava essa notoriedade *premio* de nenhum modo vil? *Aquelle cuja lyra sonorosa foi mais afamada que ditosa* immortalizou-se, porque cantou, em linguagem elevada, *com engenho e arte*, a grandeza da *occidental praia lusitana*. Tanto fez em Haya o Sr. C.° Ruy Barbosa; seus discursos, em estylo lapidar, tornaram o Brasil conhecido no universo. Foi o trabalho realizado em Haya que deu a elle e a nós a força precisa para termos parte decisiva no curso que se imprimiu á conflagração européa na última phase da tremenda lucta.

Não é menos valiosa, para a educação civica do povo, a campanha eleitoral que emprehendeu quando disputou ao Marechal Hermes a cadeira presidencial.

Licção fecunda para os nossos concidadãos era um velho, sem apoio official, em um paiz onde as eleições não passam de farças, percorrer, em difficil e trabalhosa peregrinação, varios Estados do Brasil, guiado e sustentado unicamente por uma fé inabalavel, que só se encontra em moços. Que força impelliu o candidato á presidencia, a não ser a que move montanhas? Ora, si o exemplo do patriota houvesse sido tomado pelos brasileiros como uma ensinação proveitosissima, si os meus compatriotas lhe houvessem seguido depois, em todos os pleitos eleitoraes, a rota gloriosa, não dominariam em nossa patria as olí-

garchias, que se esteiam exclusivamente, na indifferença nacional. Notem os que me lerem mais estes serviços importantissimos: tornar a patria conhecida pelo modo de desempenhar em Haya sua missão, e ter traçado a linha que deverá seguir todo homem de valor ao concorrer, nos comicios, a qualquer cargo de eleição popular, unico meio de deixar nosso paiz de ser um atascadeiro politico, fetido e nauseabundo, sobre o qual brilham poucos astros rutilos, scintillantes, de primeira grandeza, como disse o grande patriota, referindo-se ao Estado de São Paulo.

Deixarei os actos do Sr. C.° Ruy Barbosa, e passarei a seus trabalhos de gabinete. Official de alta patente no exercito que se bateu pela libertação dos escravos, organizador da republica em cuja Constituição teve grande parte, laborioso formador de um systema financeiro e bancario que não poude levar a effeito por circumstancias fortuitas, defensor de tantas vidas, e vingador de todas as opressões contra os fracos, homem da tribuna sempre prompto a apavorar com a palavra sonora e vibrante os sanguisedentos tyrannos, constantemente na imminencia de ter a sorte de Demosthenes, de São João Baptista, de Julio Cesar, ou de Cicero (paginas Literarias, 91), redactor do nosso Codigo Civil, por tantos annos desejado, e que se tornou uma obra prima de estylo, e exemplar da linguagem pura e castiça, tem sido ainda o Sr. C.° Ruy Barbosa, o guia seguro nas nossas relações internacionaes. Foi elle que dirigiu a opinião pública sobre o dever das nações neutras americanas, em sua memoravel conferencia de Buenos Aires, foi elle que nos levou á declaração de guerra á Allemanha, e foi elle emfim (ninguem em boa fé o contestará) quem primeiro se levantou contra a paz que era pedida pelos imperios do centro da Europa, dictando, mesmo do leito, o artigo "*Paz, mas que Paz?*", cujo echo retumbou em todo o mundo civilizado. E este homem, que tem uma orientação firme, clara, sempre a mesma, que

sem deslise, caminha, de rota batida, a um fim, em um momento historico de hesitações e de surprezas, qual o que acaba de atravessar o mundo, que os infelizes nescios e os astutos invejosos acoimam de ser o *espirito de destruição!* Tambem a Christo accusaram de querer destruir o templo, quando elle vinha reconstruir o mundo: "Destruam et æfidicabo".

Em seus trabalhos de gabinete, ha um ponto que me parece a exterioridade de quão magnanimo é o Sr. C.° Ruy Barbosa: refiro-me aos seus perfis. O homem que, em toda a sua vida, se mostrou humano, generoso, não póde deixar de revelar sua magnanimidade no elogio franco daquelles cujos dotes admira. Foi a sua longanimidade que o levou a perdoar a Deodoro o mal que lhe fez, é sua immensa bondade, unida á sua superioridade intellectual, que lhe permitte pintar, com as mais vivas e bellas cores, os retratos de José Bonifacio, de Luiz Gama, de Castro Alves, de Machado de Assis Os mediocres não elogiam, disse Inginieros: elles defendem destarte a propria incompetencia; mas os genios, as aguias que voam tão alto que só vêem o que é grande, perdendo de vista as pequenas coisas de nosso miseravel planeta, não podem deixar de ter sempre diante de si a majestade do quadro que se lhes depara. Um movimento de carinhosa saudade fez erguer, em frente á Faculdade de Direito, uma estatua tacanha, deselegante, ao nunca esquecido professor de Direito Penal, José Bonifacio; e um sentimento de respeito pela intenção de quem rendeu ao mestre esse preito a faz ahi conservar. O Sr. C.° Ruy Barbosa erigiu porem, fazendo o retrato de José Bonifacio, um monumento "aere perennius" a esse extraordinario professor "loira physionomia de Nazareno, com a aureola da pureza na fronte, e o fagulhar da colera nos olhos" Das 114 obras do Sr. C.° Ruy Barbosa, com que seu biographo fecha o livro sobre a util vida do grande brasileiro, poucas me foi possivel guardar das

muitas que li. Mencionarei algumas, e porei em evidencia seu valor. *Swift* foi o trabalho que me revelou o vasto descortino do espirito do Sr. C.° Ruy Barbosa, comquanto já muitos gabos houvesse eu lido nos jornaes pela sua traducção da obra de Calkins, cuja vulgarização em nosso paiz traria, pensavam todos, uma verdadeira revolução nos methodos de ensino. Contam que *Swift* foi uma surpreza para o editor. Encommendára este ao eminente brasileiro algumas observações, uma pequena noticia, sobre o autor do Gulliver, encanto das creanças que não vêem, na obra celebre, mais que uma historia phantastica de anões e de gigantes. Ora, cavando no estudo do deão Swift, o nosso compatriota revelou o rico filão de ouro contido na inesquecivel obra do grande philosopho ingles, e, pintando com o vigor e com o colorido quente de um Rembrandt, o retrato do autor, tornou patente a ironia fina e genial do immortal escriptor. E nada fez o Sr. C.° Ruy Barbosa, asseguram a ignorancia e a perversidade, apandilhadas para constituirem um mesmo e asquerosissimo ente, o verme roedor da gloria de que fala Inginieros.

As *Cartas da Inglaterra,* que, por muito tempo, foram meu livro de cabeceira, são uma das mais puras glorias do espirito liberal de que me occupo. Li, reli, manuseei, de dia e de noite, a defesa de Dreyfus, modelo de eloquencia judicial, a que não sobreponho nenhuma das orações de Cicero.

Mostrem-me nas obras do orador romano uma pagina que supere a descripção da solemnidade altamente dramatica da degradação de Dreyfus E, ao ler-se o livro, em qualquer ponto, recebe-se a impressão de ter diante dos olhos um cofre de joias aberto, e donde se irradiam feixes de luz "*as scintillações de esmeralda e de saphira do ceu e do oceano*" Só essa obra, que é um tratado de organização social, onde passa, por todas as paginas, um sopro quente de fé, sem a qual não com-

prehende o autor possa haver povo culto, seria bastante para lhe dar a immortalidade, e para desmentir, com eloquencia, a calumnia de que é elle um espirito destruidor. Mas, deixando o fim que me propuz, e tractando do merito da obra, em que o autor nos apresenta as mais importantes licções tiradas do estudo da Historia contemporanea, direi que ella é de molde a formar um verdadeiro compendio de civismo: o paiz cujos cidadãos se abeberaram nas paginas das Cartas de Inglaterra, que se imbuirem na ensinança nellas contida, será, eu o creio firmemente, um paiz modelo. Nada fez, repetirá sempre a inveja, esse homem que escreveu um livro, a meu ver, digno de ser collocado ao lado da Imitação de Christo!

Ha uma outra obra do Sr. C.° Ruy Barbosa, que eu só conheço pelas transcripções de alguns trechos feitas pelo ex. sr. Ministro Lessa e pelo Dr. Espinola, notavel professor bahiano, grande jurisconsulto patrio. Refiro-me á monographia "*Actos Inconstitucionaes*" Pelo que vejo na obra "Poder Judiciario" do ex. sr. Ministro Pedro Lessa, é uma construcção juridica de Direito Constitucional que revela da parte de seu autor um poder de systematização proprio unicamente dos genios. Tenho, por vezes, me valido dos topicos trasladados pelos dois emeritos juristas, e nunca deixo de admirar o vigor de concepção do mestre dos mestres nas letras juridicas de nossa patria. Foi com esse valiosissimo palladio que o Ministro que acabo de citar defendeu a liberdade de varios cidadãos no curso do derradeiro periodo de despotismo ou de dictadura-de-facto que enluctou nossa patria no penultimo quatriennio, o mais infausto de quantos tem tido a republica, comprehendido mesmo o de Floriano, sem duvida mais cruento.

Mas são monographias, são discursos, são obras faceis para o espirito fecundo do brasileiro genial, dir-me-ão os adversarios. Meu intento é provar, revidarei, que elle *construiu* e *construiu muito e bom*, que *construiu* até no sen-

tido exacto da expressão em Technica Juridica. Seu trabalho sobre "Actos Insconstitucionaes" é evidentemente obra de *construcção technica* no rigor do vocabulo, no sentido preciso do termo em Jurisprudencia.

Quem fez, perguntarei ainda a lei sobre titulos ao portador (debentures)? Quem explicou, em luminoso relatorio quão difficil era a matéria, e quão nova para os trabalhos de Jurisprudencia? Quem fez tantas outras leis com que se enriquece a legislação patria, que, valha a verdade, não é das mais opulentas?

E não fórma essa prodigalidade de ideas espalhadas em todas as suas obras, um thesouro para a patria? Um dia honrava-me com sua visita o illustre Magistrado a que acima eu me referi. Acertámos de falar sobre a Philosophia Positiva de Augusto Comte, accusado de prolixidade pelos charros ignorantes. Tocámos nos modos variadissimos por que elle desenvolvia a lei dos tres estados. O antigo Professor de Philosophia do Direito disse-me então que poderiamos abrir a obra de Comte em qualquer logar, e nunca deixariamos de encontrar uma idéa nova, differente da apresentada pagina anterior, mas peça indispensavel para organização da genial synthese do grande philosopho frances que assombrou o seculo XIX, e será objecto de eterna admiração, emquanto houver em nosso planeta quem cultive a Philosophia. Feita e repetida a experiencia, nunca deixou de dar razão áquelle que hoje occupa um logar no mais alto Tribunal do Brasil.

Mas de que servem ideas, perguntarão os impenitentes? Não lhes quero citar aqui Novicow, Fouillé, o dr. Pedro Lessa, em seu trabalho sobre Arte, Sciencia e Philosophia, mas vou citar o proprio C.º Ruy Barbosa.: "As ideas, na civilização moderna, são como esse ether que na grande hypothese physica, occupa o espaço universal, encasando-se entre as moléculas dos corpos mais compactos, e derramando-se pelo vacuo infinito, onde

cessa o fluido atmospherico. Onde quer que suppuzerdes estabelecer o vacuo por meios materiaes, ellas permanecerão tanto mais activas, quanto mais sensivel for a violencia, não obstante a pneumatica de vossos apparelhos de suppressão." Ellas são, para os homens da sciencia, o mesmo que era a fé para os crentes, essa poderosa fé que, segundo Comte, foi um dos mais importantes factores do progresso nos tempos primitivos, habilitando o homem a tudo ousar e a tudo tentar, confiado no auxilio dos deuses. Si da fé se esperou o movimento das montanhas, das ideas, conseguidas nos gabinetes dos sabios, se obteve rasgar os Alpes, penetrar nas profundezas do Oceano, romper o homem em vôo pelas altas regiões atmosphericas semelhante á aguia, ao condor ou ao albatroz, conseguir o operador amortecer a dôr nas salas das operações cirurgicas, transmittir qualquer pessoa com a rapidez do raio seu pensamento de um a outro polo do mundo, e colligar os povos cultos, quando os imperios centraes da Europa ameaçavam a paz universal!

Mas torno ao fecundo pensador que tem a seu serviço o mais rico vocabulario, as mais elegantes construcções syntacticas. Não ha pagina do mestre em que se não depare uma idea nova, uma concepção com o cunho do genio, e elle espalha sua opulencia de *Creso do pensamento* com a mesma prodigalidade com que outrora certos millionarios atiravam moedas á plebe. Abra-se qualquer obra do grande estylista patrio

Darei que não tenha ideas, que seja semelhante áquelle politico frances de que nos fala o mordacissimo Laboulaye, optimo reproductor de pensamento alheio, mas incapaz de produzir uma unica idéa. Ainda em tal caso, será sem valor o que escreveu em seus livros, o que falou em seus discursos? De nenhum modo. Porque lemos hoje Manuel Bernardes? Seguramente não é pelas ideas que apresenta em sua Nova Floresta, quando começava

a dar mostras de um enfraquecimento cerebral, mas por aquelle estylo inimitavel, que um capricho da psychose deixára tão bello, tão terso, tão puro, tão claro, tão empolgante, quanto o de Vieira, Frei Luiz de Sousa, e Jacintho Freire de Andrade. Ora perguntem-me ao mais modesto ou ao mais notavel professor de portugues em que é inferior o estylo do C.° Ruy Barbosa ao desses artistas da palavra que acabo de mencionar. Da riqueza da lingua, com tanto esmero cultivada pelos nossos avós, soube elle aproveitar a sonoridade de Camões, a grandeza de Vieira, a majestade de Jacintho Freire, a exactidão de Frei Luiz e a elegancia sobria de Bernardes, para constituir um estylo que deve servir de modelo aos moços, e, si, dentre esses, algum houver que tenha verdadeira admiração pela belleza do dizer, seguramente ha de derramar lagrymas convencido de que jamais chegará á culminação attingida pela aguia brasileira. Ora ahi está um novo serviço que á patria prestou aquelle que a vesga inveja diz ser um espirito destruidor: foi para o Brasil o que foram para Portugal os quinhentistas, por nos haver dado uma lingua nova e bellissima, remodelando a que os estylistas de Alem Mar haviam constituido no seculo XVI para sua gloriosa patria.

Para exprimir o que é agigantado, mas bello, proporcionando, artistico, verdadeiramente grandioso, crearam os italianos o vocabulo miguelangelêsco em honra de quem concebeu e executou o *Moysés*. Pois bem! Para o que tem feito o Sr. C.° Ruy Barbosa, para sua obra colossal e bella é este neologismo que convem: seu trabalho pela nossa patria é miguelangelêsco.

Terei tido o resultado que me propuz ao tomar a penna para fazer o elogio dos trabalhos do Sr. C.° Ruy Barbosa? Não o creio. Ao sahir Mirabeau de uma reunião politica, bateu com sua vigorosa mão sobre um dos hombros de Chateaubriand, segundo refere este, e disse: Jeune homme, ils ne me pardonneront *jamais* ma supé-

riorité" E' ésta a sorte dos homens superiores, e sua triste sina: tem disto pleno conhecimento aquelle de que me occupo. Escreveu elle em relação ás "investidas da serpe, golpeada nas vertebras e chumbada ao solo na paralysia de sua raiva", o seguinte que merece lido: "Eu não temo a cabeça colleante do reptil, que uma cipoada vingadora da verdade bastará para deixar mutilado no chão, esbravecendo na impotencia de seu veneno." Pouco tempo perdi eu ao escrever éstas achamboadas linhas feitas atabalhoadamente, em uma breve hora de lazer. Si continuar eu a ouvir a mesma tolice de que o C. Ruy Barbosa tem talento demais para ser administrador, e que é um espirito destruidor consolar-me-ei lembrando-me do que escreveu o epico, ao findar o poema que lhe occupára toda a existencia:

"No mais, musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida
E não do canto mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida"

Não julgo que possa silenciar linguas maledicas. Em dezembro de 1916, tendo eu de presidir a uma sessão solemne na qual foi offerecido, por meu filho, á Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo um exemplar da conferencia pronunciada em Buenos Aires pelo C.° Ruy Barbosa, não fiz o elogio do grande brasileiro, porque era pequenissimo o auditorio, tendo já sido começadas as férias academicas. Ao propor eu, mais tarde, em congregação de professores da Faculdade de Direito, fosse dado ao grande brasileiro titulo de professor honorario da mesma Faculdade, com o que mais eramos honestados do que honestavamos, uma circumstancia, que não vem ao caso, impediu me cumprisse o dever de dirigir aos collegas quaesquer palavras sobre o homem que todos conhecem, mas que, em geral, os invejosos, os mediocres e os nullos, detestam. Foi uma *felix culpa* de minha sorte não houvesse

eu falado a poucos academicos na sessão solemne a que presidi, nem aos nove collegas de congregação, visto como, agora, um acontecimento fortuito, a lembrança de um amigo, me fez compor este trabalho que será lido por algumas centenas de cidadãos, alguns dos quaes (quem sabe? pois *hàbent sua fata libelli*) reconhecerão quanto deve a nossa estremecida patria ao homem que hoje culmina no firmamento da humanidade. Si meus compatriotas quizerem minha opinião sobre o modo por que devem se comportar em relação ao grande brasileiro, dir-lhes-ei que fico pelo que doutrinou o epico lusitano falando aos reis, e que julgo hoje dever preceituar se ao povo:

"Os mais exp'rimentados, levantae-os
Si com a experiencia têm bondade,
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem"

João Arruda.